

O dever de Carlos de Melo sob a ótica do passado: ensaio sobre *Doidinho*, de José Lins do Rego

Pedro Barbosa Rudge Furtado¹

Resumo: Visamos, neste segundo ensaio sobre os três primeiros romances de José Lins do Rego lidos como um romance de formação, evidenciar a regressividade do desenvolvimento emocional do protagonista Carlos de Melo em *Doidinho*, segunda narrativa da trilogia. Para atingirmos tal objeto, amparamos a nossa análise interpretativa em textos acerca da fortuna crítica da obra e do autor em questão e de artigos e livros – normalmente provindos de estudos psicanalíticos – sobre os afetos suscitados no romance. Se em ensaio acerca de *Menino de engenho* observamos uma grande capacidade de integração de Carlinhos à várzea e aos moradores de lá, proporcionando um tom alegre de descobrimento do novo (embora a sua perene tristeza aponte para a edificação de suas futuras neuroses), neste sobre *Doidinho* verificamos que o colégio interno para o qual ele é enviado surge como a antítese da liberdade e da permissividade encontradas outrora. Ainda que exista a grande amizade de Coruja, que será diluída juntamente com algumas fantasias, e a solidariedade de alguns poucos, a sua fuga do colégio em direção às terras prometidas do avô figura a busca pelos sentimentos infantis anteriores, interrompendo e retrocedendo da sua autonomia em construção.

Palavras-chave: *Doidinho*; Nostalgia; Desamparo; Futuro; José Lins do Rego.

Introdução

Neste estudo, investigaremos a continuação do processo formativo de Carlos – agora apelidado de Doidinho – dentro do colégio interno do rígido e autoritário mestre Maciel, localizado na cidade de Itabaiana. Tal espaço fechado e vigiado é o avesso das extensas terras do avô e da liberdade que lá Carlinhos gozava em *Menino de engenho*, o primeiro romance da trilogia. Nesse novo ambiente de instalação de instâncias coercitivas, praticamente inexistentes em Santa Rosa, o protagonista deve adaptar-se às restrições que lhe são impostas e também à convivência mandatória com a alteridade estranha. E a saudade do engenho toma conta dele de modo frequente. Aliás, se o passado é amiúde buscado pelo garoto, não há como não nos referirmos reiteradamente ao romance anterior, pois a compreensão de *Doidinho* depende da “leitura prévia das peripécias do menino de engenho” (Pinto, 1990, p. 245).

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com pós-doutoramento em andamento pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-4786-0716>. E-mail: pedro.sonata@gmail.com.

Embora as narrativas sejam codependentes em termos de história, a construção delas, em conformidade com a mensagem que está ali representada, altera-se. Se em *Menino de engenho* os capítulos dividem-se sobretudo entre uma jubilosa crônica de costumes da fazenda e as notações íntimas do protagonista, normalmente sob tom melancólico, em *Doidinho* há a predominância de um certo gesto diarístico – que aceita desde o ensaio à crônica, mas que se notabiliza pela soberania da (auto)análise. Não que haja datação ou muita metalinguagem, mas o relato é apresentado do modo cronológico, na maioria das vezes, havendo uma ligação estreita entre os capítulos, o que não acontecia em *Menino de engenho*.

Procuramos enfatizar, advinda da introspecção pela qual a narrativa é modulada e a partir de uma análise interpretativa percuciente do texto literário, a difusão do mal-estar no processo formativo de Carlos de Melo. É prevalente em *Doidinho* a intensificação dos afetos de desprazer da narrativa anterior – a angústia perante o medo do desamparo e da morte, a solidão, a hereditariedade do mal etc. – bem como o surgimento de outras fontes de sofrimento, como a tirania de seu Maciel e o contato com os colegas na maioria das vezes inamistosos. Nesse plano, ainda, a sexualidade, anteriormente ambivalente, torna-se mais pendente para o pecado, para a danação, muito devido aos estudos religiosos do adolescente.

No meio disso, e muito embora momentos de contentamento e solidariedade apareçam no romance, a solução final do protagonista (o retorno à várzea) figura uma dependência indelével dele em relação ao passado a fim de que o campo de possibilidades seja arquitetado. A nostalgia, portanto, para além daquele de retomar e embelezar o passado, também é prospectiva; assim, “As fantasias sobre o passado”, “determinadas pelas necessidades do presente, têm um impacto direto nas realidades do futuro” (Boym, 2017, p. 154).

Decidimos dividir, então, o estudo de *Doidinho* em quatro partes que versam sobre categorias temático-sentimentais fulcrais da narrativa: o desamparo, a repressão da sexualidade, o amparo através da amizade e o retorno ao engenho.

Desamparo

Marcus Mazzari (1997, p. 225) delineia alguns pontos fundamentais embutidos nas narrativas de escola; entre eles está “a perda da proteção familiar e o ingresso num cotidiano de lutas e desafios acirrados”. Tal perda é sentida, nos dois primeiros romances de Zé Lins, como

um profundo abandono, que gera a sensação de desamparo. O desamparo assoma, como potência desestabilizadora, duas vezes em *Menino de engenho*. A primeira, já mencionada, manifesta-se através do assassinato da mãe cometido pelo pai, que é remetido ao desamparo primevo, aquele da perda de proteção uterina do bebê, e que constitui também a sua primeira angústia, a angústia de separação, participante ativa do funcionamento psíquico de Carlos de Melo. A morte da mãe e a espécie de morte do pai (que será internado num manicômio) originam também a elaboração do luto do protagonista. A segunda desenvolve-se pelo casamento de tia Maria, a sua mãe substituta.

Pouco tempo após o evento, o ainda Carlinhos é levado para a escola a fim de se instruir e se endireitar. Esse endireitamento está associado a três fatores principais: à libertinagem sexual encontrada no engenho, à necessidade de refinamento dos seus modos e à educação formal. O protagonista passa, então, meio que por um processo civilizatório de moderação do desejo e de iluminação de si por meio da ciência.

Processo, este, imperativo, pois há punição para aquele deseducado. A palmatória é usada contra o adolescente logo no primeiro capítulo. Capítulo, este, aliás, de difusão do mal-estar no constante cotejo entre as terras do avô, as pessoas que lá vivem e o colégio. E o principal contraste se localiza no binômio liberdade x aprisionamento, como vemos no trecho seguinte:

Na cama começavam a chegar os meus pensamentos. Éramos seis no quarto pequeno de telha-vã. Ninguém podia trocar palavras. Falava-se aos cochichos, e para tudo lá vinha: é proibido. A liberdade licenciosa do engenho sofria ali amputações dolorosas. Preso como os canários nos meus alçapões. Acordar à hora certa, comer à hora certa, dormir à hora certa (Rego, 2020, p. 23²).

O último fio que o ligava à Santa Rosa era o tio Juca, que o deixa na escola, desassistido. Daí, o narrador reflete: “Saí chorando. Era a primeira vez que me separava de minha gente, e uma coisa me dizia que a minha vida entrava em outra direção” (p. 18).

O choro alude ao desamparo. Depois da morte da mãe, ele chorava sempre que ela era lembrada por alguém. Os prantos cessaram de acordo com o maior acolhimento sentido na sua relação com a alteridade, sobretudo com tia Maria, que o abraçava. Dessa vez ele se separa de todos aqueles que lhe são familiares. Não há absolutamente ninguém no colégio com quem ele

² Todas as citações do romance fazem parte da mesma edição. A partir de agora mencionaremos tão somente a página e os possíveis grifos dos trechos.

tenha o mínimo conhecimento. Ali ele se sentia “isolado do mundo” (p. 18) e apartado da indulgência anterior. Da expansividade, das conversas em voz alta, das histórias contadas no engenho passa-se para o cumprimento das diversas regras e para os cochichos em alerta para que ninguém seja descoberto infringindo a lei do silêncio.

No meio de tudo isso, o protagonista compreendia que os seus privilégios acabaram e os cuidados que o envolviam foram transformados em total indiferença relativa à sua dor. Assim, ele era “somente um Carlos de Melo atrasado, no segundo livro de leitura [...]”; surge, então, “a saudade de Santa Rosa [que] me invadiu a alma inteira.” (p. 23). Lá ele era afetuosamente apelidado de Carlinhos, enquanto na escola Maciel o chama de Carlos de Melo. Há uma passagem, aí, da criança ao adolescente, mas, mais do que isso, a mudança indica o fim do seu prestígio personalista, inserindo-o

[...] na ordem impessoal e jurídica do sobrenome, em que todos devem ser colegas – ou seja, submetidos às mesmas leis. Assim, ao tornar-se Carlos de Melo, o jovem rapaz deve se ajustar, a contragosto, às regras da civilidade ou da urbanidade isonômica do estado moderno (Braga-Pinto, 2012, p. 78).

Entretanto, a sua acolhida não é totalmente adversa. Ele conhece os colegas, com quem troca algumas palavras que o desviam brevemente dos seus temores, e D. Emília, esposa do seu Maciel, que lhe dá afago; insuficiente, no entanto: “E me passou a mão pela cabeça, com uma carícia indiferente, sem calor, uma carícia profissional de mulher de diretor” (p. 24). A paleta tonal do relato fica entre o sofrimento (através das pancadas de seu Maciel, da sensação de aprisionamento, da tirania que o sujeita a comer pouco e o que desgosta) e a deficiência daquilo que lhe é oferecido (como a falta de integração com os colegas, mormente nos seus primeiros dias de colégio, e o carinho de D. Emília).

Os próprios companheiros de escola percebiam o mal-estar de Carlos e, devido ao seu “nervoso”, sua “impaciência mórbida de não parar em um lugar, de fazer tudo às carreiras”, dos seus “recolhimentos” e “choros inexplicáveis”, o batizaram de Doidinho (p. 28). Contudo, se o apelido lhe fora dado mediante aspectos negativos de sua personalidade, o apelido, em si, já é sinal de alguma inclusão na escola, de que ele é ali reconhecido como parte do grupo, a despeito de ter tão somente uma profunda amizade, a de Coruja, que trataremos em breve.

A fantasia serve como compensação psíquica ao comum sentimento de abandono de Carlos. O ato de fantasiar, segundo Sigmund Freud (2018, p. 57), associa-se à busca do prazer

faltante na esfera do real: “Deve-se dizer que quem é feliz não fantasia, apenas o insatisfeito. Desejos insatisfeitos são a força impulsionadora das fantasias, e toda fantasia individual é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória”. Claro que haver certo grau de insatisfação na vida psíquica do sujeito é natural, mas o devaneio, funcionando como ferramenta do princípio do prazer, de fato serve como uma proteção contra a realidade desafiadora nesse romance.

Ao pedir, por exemplo, a Coruja que escrevesse uma carta a José Paulino contando tudo o que de ruim ocorria no colégio interno, Carlos imagina o avô chegando ao Instituto Nossa Senhora do Carmo “defendendo o neto contra o seu algoz” (p. 37) e o tirando do colégio. Entretanto, o próprio protagonista voltava à realidade, afirmando que aqueles “eram uns diálogos de sonho” (p. 37). Com efeito, José Paulino desloca-se até o colégio, e na conversa com seu Maciel comunica que não se importa que bata no neto, mas que não admite “judiação” (p. 37). A fantasia do protagonista se realiza parcialmente e a visita do avô, conjuntamente com o passeio que faz com ele em Itabaiana, faz com que Carlinhos seja “todo daquela alegria, daquelas horas livres” (p. 40). Da raiva sentida anteriormente do patriarca, este transformou-se “[n]um santo” (p. 40).

Há uma questão social premente nas poucas páginas que narram o passeio do avô e do neto e que auxilia na compreensão da reconquista efêmera da felicidade do garoto: o poder de José Paulino e a procura do protagonista de acentuar as diferenças entre ele e o outro; isto é, um modo de reconquistar a individualidade e os privilégios perdidos no instituto. Assim, os “meninos veriam quando eu saísse com ele”, todo “em grande gala”. E o grande momento de regozijo de Carlos ocorreu quando chegaram ao hotel onde o avô estava hospedado. Ele caminhava com José Paulino “como se conduzisse um troféu de batalha” (p. 39). Ali, eles encontram Pão-duro (seu colega) e o pai dele, que reconhece o senhor de engenho. Aliás, todos no hotel conhecem José Paulino e naquele ambiente o protagonista “lhe media o tamanho, a superioridade sobre os outros”; assim, “Que valia o pai de Pão-Duro, junto dele (o avô)? E o Zé Calheiros, que passava notas falsas?” (p. 40-41). E, no fundo, o que valiam os colegas comparados a Carlinhos, protegido, e assim visto e reconhecido pelos outros, por José Paulino? Doidinho retorna empoderado à escola, pois mais ninguém poderia afirmar que ele era um abandonado; ele provou o contrário, evidenciando o seu prestígio social.

Entretanto, isso não lhe garante nenhum tipo de notoriedade no instituto; ele continua sendo tratado pelo professor e pelos colegas como qualquer outro, com exceção de Coruja e de

seu Coelho, que o valorizam. Aquele sentimento de abandono, anterior à visita do avô, permanece perseguindo-o. Carlos se sente desatendido pelo avô, pela tia Maria, que tivera uma filha, pelo melhor amigo, sobretudo quando ele se torna decurião, e ainda relembra do desdém experimentado no instante em que Maria Clara, seu amor de infância, deixa o engenho sem notá-lo. Doidinho tem uma vivência atual limitada – uma vez que há nela, muitas vezes, algo de fantasmático, nostálgico, fantasioso – e disso também advém sua dificuldade de integração. Logo, ele procura abrigo dentro das atividades da escola, que não lhe “davam tempo para ficar sozinho” com as suas “preocupações” (p. 193), ou conversa com Coruja e lê. Se nenhuma dessas atividades é possível, ele fatalmente rumina.

Já em *Menino de engenho* a solidão, decorrida especialmente das crises de asma, o fazia cismar e disso surgia a melancolia. Em *Doidinho* ela se dá mais por um processo de timidez pouco aventado na narrativa anterior; pelo contrário, o menino curioso conversava com todos, brincava com os primos e os moleques, assediava e era assediado pelas ex-escravas. Como dissemos, o que é alterado por aqui é a sua posição dentro do grupo e a inferioridade que sentia intelectualmente, por estar atrasado em relação aos colegas, e também moral, ética e humanamente em relação a Coruja.

O mais determinante caso de separação dele dos colegas decorre dos treinamentos militares os quais o protagonista não consegue dominar. Não só ele cria ser o ridículo do instituto, uma vez que até mesmo “todos os burros” (p. 199) dali estavam aptos a realizar os exercícios, como ele era castigado fisicamente pela sua inaptidão. Após várias tentativas fracassadas, e humilhantes, de superar essa limitação, é decidido que ele ficará de fora dos treinamentos e das festividades do dia Sete de Setembro. Apartado não só de todos, mas também da alegria dos colegas que participam do desfile cívico de comemoração à Independência do país, é aberto espaço em Carlos para “a melancolia e a insatisfação” voltarem “aos seus lugares”: “Sentia-me cada vez mais sozinho, espremido num meio de decepções e sem uma grande coisa para pensar.” (p. 216).

O mal-estar no presente ali no colégio o leva para reflexões tristes acerca de notícias do engenho, que há pouco visitara nas férias. Ele pensa na tia Maria, que, após passar um período de convalescença em Santa Rosa devido ao nascimento da filha, retorna à sua casa, e na morte da centenária velha Galdina, negra que lhe era muito querida. Essas notícias “ficavam comigo, conversando, ajudando-me a passar o tempo como bons amigos em palestra” (p. 216-217). Dessa forma, a dinâmica da solidão engendra o mal-estar persistente em *Doidinho*. E a

correlação central da narrativa é entre a tristeza e a nostalgia, as saudades das terras do avô, lugar este que se contrapõe ao ambiente austero do colégio.

Como mostramos em artigo anterior, há a construção do Santa Rosa como um espaço paradisíaco – cuja divindade onipotente e onipresente é José Paulino – ainda mais sob o olhar do menino deslumbrado. Obviamente que a base comparativa de vida de Doidinho é o engenho, dado que o mundo dele, o seu país, “tinha os seus limites nos limites de Santa Rosa” (p. 84). As lembranças anteriores à sua ida às terras do avô mal aparecem, constituindo tão somente a imagem do trauma: o assassinato da mãe cometido pelo pai, pouco mencionado no segundo romance da trilogia.

Quando os limites do protagonista alargam-se, as dificuldades aumentam e incorporar-se “à vida do colégio interno significa, pois, submeter-se a leis implacáveis de um microcosmo em que – como formula um professor de Sérgio em conferência proferida em *O ateneu* – ‘a razão da maior força é a dialética geral’” (Mazzari, 1997, p. 227). Dentro das leis impositivas há privação do ir e vir, a confinamento impositiva com o outro e as diversas proibições no campo do desejo. Segundo Araripe Júnior (1978, p. 175), “o internato é o horror da sequestração sexual; [...] o internato tem como função geral fazer esquecer o sexo”.

O Eros repetido

Entretanto, o desejo normalmente encontra espaço para ser vazado, seja através do onanismo, das relações homoafetivas, seja por algum outro mecanismo de compensação pela frustração sexual. A Doidinho, naquele ambiente rígido de eterna vigilância, restam a masturbação, a memória, a proteção da negra Paula e o envolvimento sexual com ela, e a fantasia. Para mais, Carlos percebe no outro, e também um pouco em si mesmo quando encara a sua amizade com o Coruja, as vias, vistas como degenerativas, da homossexualidade³.

A prática masturbatória é comum aos garotos e acontece às escondidas, na escuridão dos quartos compartilhados e fechados. Distingue-se o ato, portanto, por meio dos sons:

³ Essa questão entre os amigos não é muito bem desenvolvida durante a narrativa. Mas é claro que o ambiente do colégio, decerto, é bastante propício à homoafetividade. Não só lá, no entanto. No engenho ela também assomava: lembremos que na iniciação sexual de Carlinhos no engenho a homossexualidade fica sugerida em alguns trechos que narram o convívio muito próximo com os moleques. A formação também se dá por meio da zoofilia e do contato com as negras ex-escravas.

O sexo me visitava nas noites frias do colégio. A chuva batia forte no telhado. Corriam as biqueiras como nas noites invernosas do Santa Rosa. E os maus pensamentos rondavam-me, como pássaros que procurassem ninho quente para pousar. Zefa Cajá andava por perto. E me esquecia de Coruja, do diretor, do livro de leitura, dos bolos.

— A cama de Doidinho está tremendo — diziam no quarto.

E as risadas abafadas nos travesseiros botavam para correr o demônio do vício impertinente. A palmatória, porém, surrava essas antecipações de desregrado, porque já não era aquele mesmo das libertinagens de outrora (p. 45).

O mesmo motivo da chuva, que ocasiona o cerceamento do ir e vir, encontrado em *Menino de engenho*, remetendo o protagonista ao sexo, é repetido em *Doidinho*, com a diferença de que se no engenho ele estava sozinho em seu quarto e, assim, à vontade para realizar a masturbação, no colégio há os colegas à sua volta, que zombam dele e, dessa forma, o constrangem. Além disso, repete-se também a aversão cobiçosa ao ato sexual através da alusão à figura de Zefa Cajá⁴, de quem Carlos contraíra gonorreia. Zefa e a negra Luísa representam a lubricidade suja e contraventora; Luísa, principalmente, é descrita por meio de analogias e um vocabulário bíblico da perdição: ela também é o “anjo mau” da infância do garoto, a “sombra negra do pecado” e “um vício absorvente” que lhe fazia do sexo uma “escravidão abominável” (ME⁵, REGO, 2020b, p. 114-116).

As duas negras inserem-se no plano da memória de Carlos, mas elas são substituídas, no plano da realidade presente, pela negra Paula. Ela sempre tinha um “menino preferido para os seus agrados. Botava mais coisas no prato dele, na mesa. Na merenda havia para o seu eleito sempre uma novidade: um pedaço de pão com queijo, uma banana a mais. Namorava assim a negra” (p. 93). Em certo momento, Paula elege Doidinho como seu amante. Daí em diante, ele se alimenta melhor – o que ali dentro era um grande privilégio, pois a comida era rigidamente racionada – e consegue dar azo à saciação do desejo sexual.

A maneira como ele pinta as relações com Paula é similar à maneira como ele pintava as relações com Zefa e Luísa sob o ponto de vista da corruptividade delas. Paula “tinha o mal dentro. Uma, duas, três vezes, me levava para fora deste mundo, nos arrancos de sua vigorosa

⁴ Em outro trecho fica mais clara a visão ambivalente sobre o sexo. Segundo o narrador, os pensamentos libidinosos o assaltavam quando ele estava isolado e sem grandes tarefas a cumprir; e eles os assaltavam como o diabo, mas um diabo “que não vinha fedendo a enxofre, mas acariciando-me os sentidos com afagos de rapariga.” (p. 64). Assim como no romance anterior, o sexo é ainda envolvido numa atmosfera infernal de danação, de subversão, mas também, claro, de deleite.

⁵ A fim de distinguirmos as citações de *Menino de engenho* e *Doidinho*, cujas edições são do mesmo ano, acrescento ME para aquelas que são retiradas do primeiro romance.

animalidade” (p. 94). Em outra passagem do mesmo capítulo, o narrador diz que o demônio se mostrava para ele “nos dentes brancos e nas boas carnes da negra Paula” (p. 95). As três negras, portanto, simbolizavam a irresistível devassidão, ensinando-o a faceta do amor carnal e instruindo-o “no que havia de precário e de amargo no amor” (p. 94). Deve-se levar em conta, ainda, que um certo sentimento de culpa pela transgressão participa da modulação afetiva de Doidinho, sobretudo no primeiro terço do romance em que a sua educação religiosa é desenvolvida.

Se a mulher, em si, foi comumente representada como fulcro da corrupção do homem, o que já era figurado no mito adâmico, à mulher negra juntam-se a sedução, a danação e, claro, o sentimento de posse do branco sobre ela, o que está historicamente, nesse caso, ligado à escravidão. Não que Carlos coisifique *in totum* as mulheres negras; há grande carinho quando ele se reporta a diversas delas; mas as menções a Zefa, Luísa e Paula revelam o grau de utilização sexual delas em que há, claro, um gesto de poder e a consequente submissão do negro ao branco, mas, simultaneamente, alguma reciprocidade no querer. O que reforça, com efeito, o caráter disruptivo dessa relação é a grande diferença de representação do desejo carnal em relação às negras e às brancas, estas dignas do desejo casto e do tratamento respeitoso e humano – até certo ponto. Assim como ocorre com as negras, há a substituição das mulheres brancas do passado.

Em *Menino de engenho*, é através de Maria Clara, uma das filhas de seu tio João, que ocasionalmente visitava José Paulino, que é gestado o amor puro e ingênuo numa atmosfera paradisíaca que os une. Com ela, nenhuma insinuação sexual é feita e, por meio do devaneio, Carlinhos chega até a imaginar o casamento deles. Essa prima, em *Doidinho*, desponta mnemonicamente tanto mediante o ressentimento do narrador (relacionado à felicidade dela, em contraposição à profunda tristeza dele, enquanto deixava as terras do avô) quanto nos seus momentos lúbricos. Curioso ele afirmar que os seus “sentidos se assanhavam” com as recordações dela e que ela o lembrava das suas “diabruras do Santa Rosa” (p. 45) porque a sua atitude mais ousada fora beijá-la embaixo de um cajuzeiro. Para mais, Carlinhos a protegia das imundícies que ocorriam no engenho julgando que elas eram porcarias “para os seus olhos limpinhos” (ME, REGO, 2020b, p. 108).

Ainda mais pudico do que o amor que sentia por Maria Clara era o que sentia por Maria Luísa, a figura substituta daquela. Mais imaculado pois eles nem trocam palavras entre si. Doidinho é conquistado ao olhar para a garota e ela lhe sorrir: “o namoro estava pegado” (p.

59), pelo menos para ele. Carlos sonhava com a figura feminina do amor puro, não especificamente com uma das duas, como ele próprio assinala: “Sonhava com Maria Luísa todas as noites. Ora era ela mesma, ora era Maria Clara, nessa mistura, nesse coquetel de imagens queridas que só os sonhos sabem fazer” (p. 60). Mas Maria Luísa cabe melhor nesse símbolo, porque, se ele beijara Maria Clara e a evocava sexualmente, o relacionamento com a outra, pelo menos durante algum tempo, era tão somente por meio do olhar temeroso de contravenção; dessa forma, “Não podia haver mais puro amor entre os homens” ou aquilo era “Amor de anjo, se os anjos amassem” (p. 61) ou, ainda, para diferenciá-la de todas as outras que povoavam as suas invenções impudicas, ele “olhava para Maria Luísa sem estes ímpetos de animal” (p. 64).

À semelhança do namoro com Maria Clara, cuja força do sentimento o fazia desprezar tudo o mais que anteriormente o ocupava, a relação com Maria Luísa é construída igualmente pela quase totalização das emoções de Carlos, que a tudo preteria, sobretudo a amizade do Coruja. Contudo, esse namoro se alimenta sobretudo da fantasia do protagonista. Se toda fantasia, como dissemos, é a busca de uma correção da realidade insatisfatória, a saber, no caso, o ambiente escolar, ela, pelo menos no que tange às limitações do amor puro, não o afugenta totalmente do tédio prisional:

E era assim: começava uma história com Maria Luísa, ela me chamava para um passeio; íamos andando pelo jardim público, de braços dados; embaixo de uma palmeira que havia por lá, ficávamos a olhar um para o outro; poderíamos até daí a uns tempos fazer um casamento. E ficava nisto, neste passeio, neste casamento. E a imaginação não encontrava mais outra variante para esses idílios de cabeça, nem situações mais agradáveis para esses namorados de mentira. Não saía disso, desse marcar passo ronco, a minha pobre imaginação de penitenciário (p. 64).

No entanto, surgem os devaneios lúbricos em relação à Maria Clara. Imagina, então, ela “dormindo comigo na mesma cama, aos beijos” (p. 120). O que parece suscitar a reconfiguração amorosa do protagonista, no capítulo dezessete, é o ciúme que o faz refletir acerca do estatuto pudico da amada.

Se ela anteriormente era pura, a reciprocidade do flerte dela com Pedro Muniz mancha a sua santidade. A partir daí, a aura fantasiosa do namoro (ou o namoro fantasioso) decai drasticamente e em conjunto com a alegria dela dotada. Não que não haja mais júbilo, já que a cada novo sorriso de Maria Luísa a sua esperança de tê-la só para ele (mesmo que

fantasticamente) retorna, mas existe a oscilação entre a felicidade e o medo de perdê-la, que se traduz em sentimentos destrutivos. Por conseguinte, “O meu amor agora era uma mistura de raiva e de satisfações. Bastava ver Maria Luísa virando-se para os lados de Pedro Muniz, para me agitar todo, morder-me por dentro. Ficava nervoso, erguia-me sem ordem no meu lugar” (p. 116).

Dos aspectos eufóricos exultantes que emanavam da relação fictícia entre a garota e Doidinho, que faziam o último se esforçar a fim de mostrar os seus avanços intelectuais em face da amante na sala de aula, passa-se para as características tormentosas do amor ciumento, figurado pelo sentimento de posse em relação ao objeto – “Maria Luísa talvez não se importasse com ele. Era minha somente” (p. 115) – e o ódio, referente à própria Maria Luísa e ao seu algoz. À amada, desejava, às vezes, a morte e outras punições pelo namoro, que ocorreria por meio de uma carta enviada por Doidinho ao pai dela revelando o relacionamento com Pedro; ao algoz, desejava que fosse castigado por qualquer delito, mesmo que ele não cometesse nenhum. O inimigo desestabiliza o amor idealizado de Carlos, mostrando que não há apenas os dois amantes no mundo – se um dia houve, o pensamento existia tão somente na psicologia do protagonista. O terceiro elemento negativa, portanto, a experiência amorosa e modifica o objeto adorado.

Há, aí, a transformação do Eros em Tânatos. Freud (2019, p. 49) explica: segundo o pai da psicanálise, a transformação de uma pulsão em seu oposto “é observada apenas em um caso: na conversão do amor em ódio” normalmente dirigidos para o mesmo objeto. Dessa forma, a coexistência dos afetos “[...] oferece o exemplo mais significativo de uma ambivalência de sentimentos”. O saldo da conversão, que nunca se completará inteiramente, é o oposto diametral do que a garota lhe proporcionava. O que nutria por Maria Luísa, portanto, não mais amenizava o sentimento de encarceramento; ao contrário, o animava porque, diferentemente do invejoso protagonista, ambos (Maria Luísa e Pedro Muniz) não eram internos no colégio, podendo, assim, desfrutar da liberdade que ele tanto almejava e, conseqüentemente, de encontros fora dos muros da escola. O trajeto volúvel entre amor e ódio resulta na queda, ou na menor intensidade, do amor casto, o que habilita Doidinho a ver Maria Luísa como objeto erótico.

Aos poucos eles perdem o contato ótico que tinham e, por último, Maria Luísa deixa o colégio, o que a torna agente da saudade de Carlos, mas não uma saudade específica. Mais ao final do romance, ele se sente solitário: tanto sem Maria Luísa, cuja figura se confunde com

Maria Clara, quanto sem o velho amigo Coruja que, como decurião, alterou o seu comportamento.

A (insuficiente) amizade

Existem diferenças entre as características apreciativas do amor e da amizade, como “a não exclusividade, a ausência ou contingência dos desejos eróticos, a reciprocidade e a liberdade” na relação fraterna. Além disso, o término de tal relação normalmente não enseja “qualquer ônus de sofrimento psíquico” ao sujeito (Lejarraga, 2010, p. 86-87), o que se difere grandemente do fim de um relacionamento amoroso, que promove a elaboração do luto e o religamento erótico caso ele seja bem-sucedido. No entanto, as fronteiras entre o *Eros* e a *Philia* não são assim tão claramente demarcadas na amizade entre Carlos e João José (o Coruja), nem o distanciamento espacial ou da posição que cada um ocupa na escola é isenta de dor.

Entretando, do início até um pouco depois da metade do romance, Coruja é mesmo o grande amigo do protagonista, que afirma: “Eu só sei que a consolação das minhas dores ele me trouxe, derramando o óleo de suas confidências sobre as minhas feridas abertas” (p. 35). E assim os dois se aproximam e João José se torna essa figura que conforta Doidinho. A personalidade de Coruja, aliás, é pintada pelo protagonista de modo a nos convencer da sua virtuosidade, da sua infalibilidade. O amigo é, portanto, “um grande, um forte, com a sua superioridade de se encostar a um degradado, de trazer-lhe a sua simpatia de irmão mais feliz” (p. 36). Coruja o convence, então, “de que ainda havia grandezas na humanidade” (p. 43). Daí é criada uma ideia em Carlos de que ele “talvez não mereça a amizade do homem virtuoso.” (Braga-Pinto, 2012, p. 82). Quanto mais Coruja zela pelo protagonista, mais este enaltece o amigo:

Pegara agora à Coruja uma afeição exaltada. Se algum dia me pedissem no colégio para ir fazer qualquer coisa por ele, iria de olhos fechados. Aqueles bolos apanhados por minha causa, aquela dignidade de seu rosto, aqueles olhinhos apertados me olhando, os seus bilhetes, os seus sorrisos de alma aberta me arrastavam a querer lhe um bem que ainda não dera a outra pessoa. Era que nunca tivera um amigo, um, fora da minha família, a que fosse ligado como a um irmão. Sim, um irmão (p. 52).

Para além desse forte sentido de irmanação, há a ostensiva glorificação do amigo, que se torna inalcançavelmente superior a todos. Tal convicção é abalada uma única vez quando Coruja, convidado por seu Maciel, aceita ser o novo decurião da turma, substituindo o severo Felipe. Esse novo posto lhe garante a gratuidade do ensino, essencial para ele (criado numa família modesta cujo pai lhe obrigava a trabalhar), e a autoridade, a qual ele sente um certo mal-estar ao colocá-la em prática. A partir disso, a natureza da relação entre os amigos, anteriormente em pé de igualdade, é modificada, pelo menos no que tem a ver com as suas colocações dentro do colégio.

As colocações, portanto, determinam o afastamento dos amigos, uma vez que não participam da mesma rede de sofrimento e opressão; pelo contrário, Coruja é, agora, um agente da coerção, o que gera uma incongruência significava no hipotético sentimento de irmandade entre eles. Mesmo constatando o distanciamento do amigo, Carlos mantém a esperança de que a regência de Coruja não só será muito mais branda e justa do que a do despótico e prepotente Felipe, mas também que dela ele poderia tirar algum privilégio. Entretanto, apesar da hesitação, João José (a nova posição não mais harmoniza com a informalidade do apelido), investido pela ética que lhe é própria, denuncia, quando necessário, os colegas e o próprio protagonista, que, surpresa, confessa:

Não era pelo bolo que eu sentia aquela denúncia. O bolo no caso era o menos. Era Coruja, o amigo que desaparecia, me nivelando com os outros. Por mais que descobrisse recursos para defendê-lo, a mágoa estava ali, viva, dessas que doíam cada vez mais que se pensava nela. Aquilo assemelhava-se a um sonho: Coruja dando parte de mim. Há três meses tudo no mundo poderia ser possível. Mas se me viessem dizer: ‘Olha, daqui a uns dias você apanhará por causa do Coruja’, me parecia um absurdo, uma invenção inacreditável. E no entanto o mundo dera esta volta. *Olhava Coruja tomando conta da gente. Não lia como sempre. Fitava para um canto só. Estava longe. Teria recebido carta do pai? A irmã teria piorado? Pedi para ir fora. Deu-me a ordem sem me olhar. Não, Coruja sofria por mim, injuriara o amigo. Cumprira o seu dever, magoara a sua maior afeição para não praticar uma injustiça, para ser justo. Coisa ruim, um carrasco com consciência...* (p. 209, grifo nosso).

O trecho revela a passagem da mágoa para a defesa do amigo por Carlos. Se, nos primeiros períodos, ele, estupefato, atesta o tamanho da dor que fora ser punido por meio da acusação do melhor amigo, a partir do nosso grifo é possível perceber que, observando Coruja e o seu abatimento – isto é, nivelando-se a ele no sofrimento – ele entende e justifica a ação de infidelidade do amigo, mas de fidelidade ao cargo que ele ocupa impecavelmente.

Todavia, é mesmo como uma divergência incontornável que o protagonista encara essa nova equação; daí, o sentimento de perda da amizade de Coruja se alastra e se torna um dos fatores de transformação da vida de Doidinho no colégio em um desencanto total, que o faz fugir de volta ao seu locus edênico, o Santa Rosa. Quanto maior o amor, maior o seu potencial de destruição quando ele falta ao sujeito. Dessa forma, a relação de Carlos com Coruja é feita não só de companheirismo e veneração, mas também de angústia, compreendida como o sentimento prospectivo da perda, a reação ao seu perigo (Freud, 2014), pois há, até o amigo se tornar decurião, o fantasma de que ele voltará a trabalhar com o pai e, devido a isso, abandonar os estudos.

Doidinho tenta, mas não encontra ninguém para suprir a falta do amigo tornado decurião. Dentro da dessensibilizada fauna humana do colégio, é impossível para Carlos encontrar alguém tão moralmente correto, ético e abnegado quanto Coruja. Contudo, é bem importante enfatizar que existe um claro desequilíbrio na amizade entre Carlos e Coruja, que é traduzido a partir do caráter utilitário com que o protagonista trata o outro. Isso faz jus tanto ao caráter ingênuo e amável de Coruja (o que está em oposição à lubricidade e à alguma malícia de Carlos) quanto à sensação de que, na balança da amizade, Coruja goste mais de Carlos do que este daquele, o que o próprio protagonista atesta, muito embora não seja difícil de visualizar, como já mostramos, a idolatria que Doidinho nutre pelo amigo.

Parece que, levando em conta esses dois pontos, Coruja sirva mais a Doidinho, ou é isso o que o último espera dele. E acompanhamos Coruja prestando diversos favores ao protagonista, até se sacrificando por ele, enquanto Carlos pouco – ou nada – o auxilia. Doidinho se sacrifica tão somente por Maria Luísa, garota que o faz esquecer do amigo. Já Coruja escreve uma carta para Carlos, é castigado por conta de uma infração que o protagonista cometeu, aconselha o outro a não tentar nadar em um rio (uma vez que ele mal sabia fazê-lo), a não fugir do internato (“Interessante é que nunca uma resolução me chegou mais fácil e mais pronta. E chegou-me naquela troca de palavras com Coruja” [p. 134]) e reprime-o moralmente quando o neto de José Paulino é obsceno (numa espécie de educação civilizatória que Carlos não tivera). Há, portanto, na relação entre eles, uma unilateralidade do amparo; mais do que um certo nível de equanimidade esperada na amizade, Coruja desempenha o papel de pai, ou melhor, irmão mais velho de Doidinho, protegendo-o e guiando-o sem receber em troca o que garante ao outro.

Para além de Coruja, o mais próximo que ele chega de um outro amigo é seu Coelho, pai de D. Emília. Ele, que se contrapõe ao autoritarismo do genro, “era um boêmio, [vivendo] uma dessas velhices que trazem sempre consigo o pouco juízo da mocidade” (p. 20). Seu Coelho representava mais uma trégua ao *modus vivendi* do instituto: ele zelava pela saúde dos alunos, levava-os aos banhos de rio, contavam-lhe histórias, aconselhava Doidinho. Ele, assim, supre a ausência de importantes personagens do passado rural do adolescente, como os simples trabalhadores de Santa Rosa e, sobretudo, a da velha Totonha, nômade contadora de histórias que animava a criatividade das crianças ludicamente. Ao fim e ao cabo, seu Coelho não deixa de ser também, muito devido à idade, uma figura paterna permissiva ou um “avô de contos de fadas” (p. 49), como Doidinho se refere a ele ao tirar os alunos por um tempo do cativeiro da escola. Mas se era amizade, era uma amizade incapaz de demover o protagonista da ideia de fugir do colégio.

O retorno ao engenho, a fuga e seus motivos

Doidinho retorna ao engenho duas vezes durante o romance. Na primeira, volta para lá nas férias do meio do ano. Nos capítulos precedentes ao regresso, as fantasias do adolescente se bipartem entre os pensamentos de antecipação das situações prazerosas que irá lá encontrar e os da angústia do desamparo, isto é, o medo de que ninguém aparecerá no colégio para levá-lo às terras do avô, uma vez que ele tivera que passar as férias anteriores no instituto. E dessa apreensão nasce a ideia de Carlos fugir do internato em direção ao engenho (que se configura, ao final do livro, como o seu segundo retorno). Nessa ocasião não lhe será necessária a fuga, pois José Ludovina, empregado do avô, busca o garoto.

Durante a viagem de trem, o adolescente nota que a sua dimensão de mundo se expandiu se comparada ao seu primeiro deslocamento com destino às terras de José Paulino após a sua tragédia familiar. Para além disso, ele assevera que voltava, agora, ao seu universo, “para o maior brinquedo da sua infância”; e nada se alterou no caminho até lá:

O caminho do Santa Rosa era o mesmo, coberto de lama, com os mesmos atalhos, com os matos verdes batendo no rosto da gente. O açude verde de baronesas por cima. E verde, muito verde de felicidade, o menino que chegava de seu orfanato. Cantavam os canários pelas cajazeiras cheirando ao ácido dos

frutos maduros. Talvez que fossem os mesmos canários que cantavam na minha saída para o colégio. As cabreiras amarelas, e o bom silêncio da estrada, quebrado de quando em vez pela enxada do pobre tinindo em alguma pedra escondida no roçado. Nunca uma meia hora me encheu tanto de vida como naquele dia. Tudo cheirava para mim: até a terra das covas de cana abertas, naquele instante, para o plantio de junho. Até a terra cheirava para os meus sentidos de sentenciado em liberdade — o bom cheiro das profundidades, do coito silencioso das sementes derramadas pelas suas entranhas (p. 138).

Dessa passagem podemos destacar o bem-estar que o totaliza. Está tudo cheio de vida: as cores, os sons (ou a falta deles), os cheiros. Os sentidos do menino se aguçam e deles desponta o regozijo da liberdade. Toda a descrição se opõe ao espaço fechado, lúgubre e inanimado do colégio. É importante assinalar, também, que, para mais da hiperbolização que toma conta da descrição e que ocasiona o efeito de ele estar retornando ao Éden, pouco tempo se passou – cerca de um ano – da sua ida para o instituto e do seu regresso à Santa Rosa. A paisagem inalterada⁶, portanto, se justifica tanto pelos olhos do adolescente, que a quer ver assim, quanto pelo curto período passado entre as viagens.

O tom do capítulo que narra a chegada e os primeiros dias do protagonista, que ali volta a ser Carlinhos, continua sendo o de deleite e de redescoberta do prazer. Lá afloram a atmosfera festiva, a fartura, a transigência, o companheirismo, a amizade, o idílio da natureza e, desses elementos, antitéticos aos da escola, aflora a alegria do garoto. Em todo caso, algumas alterações ocorreram: Zefa Cajá não morava mais nas terras do avô e tia Maria mal ligava importância a Carlinhos; todavia, a mais importante delas se constituía na sua relação com os acontecimentos da fazenda.

Dos cinco capítulos em que ele está no Santa Rosa, dois deles – o vigésimo terceiro e o vigésimo quinto – lembram a estrutura das passagens de *Menino de engenho* cujo centro é a contação de episódios da várzea; no entanto, em ambos, ele não é mais o observador ou o

⁶ E a inalteração confere certo sentido antiprogressista ao lugar. Cabe dizer, aliás, que a falência do engenho, assunto disseminado pela fortuna crítica de Zé Lins acerca dos seus três primeiros romances, não é relevante na economia dessa obra, assim como na narrativa anterior. As únicas menções às usinas verificam-se na página noventa e sete da nossa edição. Nela, as usinas são de fato vistas com encantamento (que não oculta a dimensão perigosa da máquina), um encantamento pela tecnologia, por Doidinho: “Ouvira falar das usinas pelos moradores que voltavam da de Goiana. Quando ele me dizia que as moendas puxavam a cana numa esteira, eu me espantava. Via no engenho os negros tombando cana, feixe por feixe. Na usina a esteira puxava para a moenda, sem ninguém empurrar. Era só sacudir a cana em cima. Se caísse até gente, a moenda engolia. Me encantava a notícia dessa engrenagem das usinas. Pensava nos trens, nas maquinazinhas de brinquedo, puxando vagões de cana por dentro dos partidos.” (p. 97).

ouvinte – no caso da contação de histórias – dos relatos, mas sim o protagonista deles, o que urde uma autorreflexão elaborada que invadirá outros capítulos.

No vigésimo terceiro capítulo, Carlos decide, aproveitando a permissividade lá encontrada, pastorear junto com os moleques. Essa jornada concede a ele a oportunidade de entrar em contato com as camadas mais pobres do engenho: ele come a comida dos trabalhadores e veste as suas roupas após tomar chuva por um longo período do dia. E, se na narração do menino não havia claramente a percepção da sua riqueza, no adolescente ela se mostra: “E ali, metido na roupa do pobre, melancolicamente verificava que era um rico” (p. 148). São dois os fatores que parecem fazê-lo apreender os seus privilégios em contraposição ao dissabor dos outros: a experiência, em si, dessa (e outras) aventura(s), e a sua educação social, que advém de uma interpretação mais madura do mundo, correlacionada com a sua idade, e a leitura de histórias, até esse momento da narrativa, contidas nos livros didáticos usados pela escola, que lhe tocam a sensibilidade.

Segundo Rolando Morel Pinto (1990, p. 249-250), a leitura impulsiona o olhar mais crítico sobre o outro, que desnuda algumas incongruências não só sociais, mas também históricas e morais, como “os privilégios intocáveis e consuetudinários dos senhores da várzea, inclusive os abusos de toda ordem sobrepassando as verdades aprendidas no catecismo e ouvidas dos padres nas práticas domingueiras”⁷. Entretanto, embora exista uma ou outra crítica em relação à figura do avô, o seu caráter bondoso ameniza “o estado crônico de pauperismo do povo humilde nas recordações de um neto da casa-grande”⁸.

No seu período de férias no engenho, Carlinhos lê, “por gosto”, “um romance imoral” encontrado no quarto do seu tio Juca. A ele o garoto se dedicava integralmente após a asma atacá-lo devido à aventura como pastoreador; ele sentia, através do livro, animados os seus sentidos “doidos para se soltarem” (p. 150). Assim como em *Menino de engenho*, cujo protagonista descobre diversos postais exibindo mulheres nuas ou seminuas no quarto de Juca, esse tio permite que se promova a lubricidade do garoto; no romance anterior, no entanto, Juca

⁷ Importante ressaltar que essa consciência social não evolui *Banguê*. Nesta narrativa, aliás, o protagonista canta loas à tradição familiar poderosa e dela pensa em escrever um livro, que nunca sai do papel, sobre a figura mítica de José Paulino.

⁸ Márgara Russotto (1990, p. 257) nota que o desenvolvimento da cultura letrada de Carlinhos gera conflitos relacionados com o modo de vida da fazenda, sendo, os conflitos, espécies de luta entre civilização e barbárie ou o “dilema entre cultura oral e cultura letrada, entre arcaísmo e modernidade”. Esse embate toma proporções maiores em *Banguê*, em que o retorno ao engenho desempenha um papel de fracasso do bacharel em Direito Carlos de Melo diante das exigências de um mundo mais moderno. O então paraíso já está bastante modificado pelo tempo subjetivo e pelas dinâmicas sócio-históricas.

repreende a criança, mas, nesse, pouca relevância ele confere àquela leitura. E o contato com tal obra serve como parcial compensação das restrições sexuais vividas no colégio.

A propósito, Juca, José Paulino e seu Coelho são modelos antirreligiosos do adolescente, que lhe indicam que a falta de fé não determina a qualidade do caráter de uma pessoa. Em *Menino de engenho* as questões religiosas não tomam grande parte das reflexões de Carlinhos, que atesta a irrelevância dela para o avô e para a maioria das pessoas que o rodeia; tão somente tia Maria se esforça para lhe ensinar algo. Já em *Doidinho* ela participa conflituosamente das elucubrações do protagonista muito graças às aulas de catecismo tomadas na sacristia de uma igreja de Itabaiana.

Das lições são levantadas as ambiguidades de Doidinho relativas aos valores cristãos e às histórias ali contadas. Dois capítulos principais – o oitavo e o nono – condensam as batalhas internas do garoto, que são vazadas numa certa circularidade a fim de representar a confusão dele. Se, num parágrafo, o protagonista mostrava todo o seu ceticismo perante os ensinamentos e a verossimilhança dos acontecimentos bíblicos, que iam de encontro à sua experiência de vida – “Era outra questão que dominava, esta da virgindade de Nossa Senhora. Porque eu sabia dos segredos da criação: vira se fazerem os bezerros nos cercados e os pais da égua rinchando atrás das bestas” (p. 67) – em outro chegavam-lhe “lampejos de fé” (p. 67) e, com eles, as dúvidas acerca da sua integridade e da dos outros.

Ao mesmo tempo que Carlos olha para os seus pecados e para o dos outros e deles infere que o castigo irremediável chegará indubitavelmente aos ímpios (mas posteriormente descobre que basta a confissão para que qualquer um se safê dos tormentos infernais), ele localiza nos seus adorados incrédulos virtudes que não justificam a danação eterna. Sobre o avô, por exemplo, o protagonista assevera que “Ele era bom demais. No seu coração cabiam todas as criaturas do seu engenho” (p. 74); a respeito do tio Juca e da sua luxúria incontida, comenta:

Guardar castidade, pedia o catecismo. Isto para a minha gente era um sacrifício ridicularizado. Estava ali o tio Juca, um homem bom. Tratava bem os seus trabalhadores, trabalhava de manhã à noite, tinha um frasco de quinino no quarto para dar de remédio ao povo. E no entanto vivia com as mulheres, com as raparigas no Pilar, no Santa Rosa, e lendo livros safados. E além de tudo o mais, me mandando para o amor: ‘Você precisa dar um passeio por fora’ (p. 153).

Um dos medos de Doidinho ao se confessar é propriamente o julgamento moral por efeito de seus atos libidinosos; assim, as figuras do tio e do avô (este também dá azo livremente aos desejos sexuais) justificam e inocentam a sua própria busca pelo prazer. E é tal busca que fará atenuar gravemente a sua fé, pois não há lógica na distinção da salvação divina para o crente mau e a danação para o descrente bom. Ele, assim, se pergunta: “Então toda essa grandeza moral não valia nada para Deus? Iria o velho José Paulino de braços com o Ursulino⁹ para o inferno, somente porque deixara em paz a sua vitalidade livre? Devia haver um meio de salvar o meu avô daquelas penas” (p. 154). Por fim e muito embora a educação religiosa o auxilie na empatia pelos mais pobres e pelos desvirtuados (como as prostitutas), a sua fé é bastante personalista, o que o próprio protagonista confia ao leitor: “A fé, porém, chegava quando fazia as minhas promessas, uma fé interesseira de fariseu” (p. 68).

A decisão de Carlinhos é pela volúpia. Ele, assim, acata o conselho do tio Juca e tem relação com algumas mulheres. A aventura mais notável, no entanto, sucede quando o protagonista delata uma ação criminosa que seu primo Silvino iria cometer contra o sobrinho do padre. Zangado, Silvino persegue e ameaça Carlos até o instante em que o ataca. Contudo, o neto de José Paulino defende-se com uma lanceta que carregava com tal objetivo, ferindo o outro. E não há punição severa para a sua violência. Ao contrário, embevecido, se surpreendeu como ele próprio “fora arranjar tanta coragem para aquelas coisas” (p. 163). Fica claro como a vida do protagonista, quando na várzea, pulsa para a frente. Ao contrário do isolamento tímido no colégio, nas terras do avô ele se expande, entra em contato direto com a alteridade e a enfrenta bravamente.

Mas o capítulo vinte e sete, o último antes de Carlinhos retornar à escola, é substancialmente introspectivo e triste, pois ele é informado da morte de seu pai. O garoto reconhece que já o dava como morto há um tempo considerável e que dele guardava “mais saudade que amor” (p. 168). E é mais *aparentemente* o seu difuso medo da morte que o desestabiliza do que efetivamente a morte do pai. Esse temor – no que está a implicada a hipocondria da personagem – tem a ver não só com o falecimento, mas com tudo que o envolve: o corpo lívido, o funeral, o seu destino após a morte.

⁹ É conhecido que sobretudo *Menino de engenho* e *Doidinho* carregam em si elementos não-ficcionais. José Lins do Rego (2011) afirma em sua autobiografia, *Meus verdes anos*, que o major Ursulino era “o mais cruel dos senhores de escravos da várzea” e que “Negro para Ursulino era para morrer no trabalho e na peia”. Daí para Carlinhos não fazer sentido tanto o assassino quanto o avô, benfeitor de toda a comunidade, terem o mesmo destino após a morte.

A desolação inquietante sobre a qual as férias de Doidinho terminam amarra-se ao retorno melancólico ao colégio, que cada vez mais o frustra e lhe confere a sensação de falta e desajustamento. A nova posição de Coruja e a extrema dificuldade de criar novos laços, o desencanto amoroso com Maria Luísa, os exercícios militares aos quais o garoto, embaraçosamente, não consegue se incluir, as mortes de Aurélio, no colégio, e de tia Galdina, no engenho, que o fazem refletir e temer o seu próprio fim, são os principais elementos conexos com a sua vontade de fugir, o que coloca em prática tão somente no último capítulo do romance.

A fuga acontece, portanto, após a complicação dos elementos arrolados anteriormente que, direta ou indiretamente, acarretam na ampliação da ira, da hipocondria e da saudade de Doidinho. No que tem a ver com a ira, ele já demonstrara acessos violentos, como vimos; porém, o que cresce nele e motiva a agressão é uma raiva crescente – “A minha raiva escondida me cegava para tudo” (p. 184) – contra alguns dos colegas, que chega ao ápice quando João Câncio zomba do pai do personagem principal: “E meti-lhe um murro na cara, com a raiva maior da minha vida. Rolei pelo chão, e desabafei-me à vontade nas dentadas e nos bofetes” (p. 164). Após o ataque, ele desmaia.

A investida não é exatamente um modo de se proteger do outro, como no caso de Silvino, mas nela desponta uma resposta excessivamente severa à chacota do colega; percebemos em Doidinho, ainda, um sentimento de perversidade, que é confessado ao final do capítulo: “Vi João Câncio. O bicho me olhou de cara baixa. Senti uma espécie de alegria vendo-o humilhado, com as marcas dos meus dentes no seu corpo” (p. 186). No fim, Carlos enxerga na troça não exatamente a zombaria em direção ao pai, mas em direção a ele próprio, o que recai sobre o seu apelido: “Não queria mais que me chamassem de Doidinho. O apelido começou a me ofender como uma descompostura” (p. 186).

O apelido o ofende pois toca tanto na elaboração do luto pela morte do pai – que, erroneamente, Carlos afirmara não o ter abalado – figurando uma ferida exposta, quanto num pavor sedimentado nele quando criança: a hereditariedade da loucura. No que tange à associação entre o luto e a raiva, é possível dizer que o irrompimento da ira contra o colega que insultou o pai do protagonista pode ser, como Freud (2012) entende, um sintoma de hostilidade contra o próprio morto que o abandonou definitivamente. Não só o abandonou definitivamente como deixou como legado a sua loucura.

Há uma crença, fortificada durante a infância da criança mediante alguns eventos, que o levava a supor que enfrentaria as adversidades psicológicas do pai; assim, o apelido

obviamente é mais um dado de consolidação desse juízo. E, claro, o seu ato demasiadamente violento apenas reforçou a ideia de que ele possa ter algum grave desequilíbrio emocional. Tanto é assim que, passada a agressão e o consequente desmaio, Doidinho se pergunta: “Por que então aquelas cautelas da gente grande e os sustos dos meninos quando estavam comigo? Começavam a me dar uma vida de exceção” (p. 186). Os colegas ao mesmo tempo que o olhavam “como se fosse com respeito”, “tinham medo de tocar naquele frasco de vidro” (p. 187).

Estão interligadas, portanto, a agressividade e as possíveis síncope; como se o ataque de raiva ocasionasse o desfalecimento, os colegas protegem eles mesmos do protagonista e, por consequência, o fragilizado protagonista do desmaio. Aliás, a vulnerabilidade física de Carlinhos é um aspecto destacado de *Menino de engenho*, ensejando a inveja dele no que diz respeito à boa saúde dos primos e dos moleques. Desenvolve-se, em *Doidinho*, o agravamento das suas neuroses, que se fixarão como uma marca indelével no garoto e futuramente no homem. Ao tentar justificar a não participação dele nos exercícios militares, seu Coelho, por exemplo, diz em conversa com o seu Maciel: “— A criança é mesmo nervosa. O senhor não se lembra daquele ataque?” (p. 207).

Existe, portanto, uma junção da ira com a hipocondria. O desmaio suscita a procura obstinada, obsessiva e fantasiosa, através de livros de medicina, das manifestações da doença e de como ela e outras que ele tivera – como a sua precoce gonorreia – podem ser mortais. Essas leituras o faziam ter “certeza de que morreria logo” (p. 188). Seu Coelho é o único a dissuadi-lo dessa convicção. Faltava, assim, “uma amizade” que “envolvesse [Carlos], arredando-me daqueles pensamentos” (p. 188). Pelo contrário,

O colégio, um vazio humano para mim. Cadê Coruja, que me queria bem? Maria Luísa, que eu amava? Só havia gente sem correspondência com os meus entusiasmos, mais bichos do que gente. [...] Procurasse um que fosse capaz de um afeto, de uma amizade grande, que não encontrava. Pobres arbustos humanos, incapazes de uma sombra, de uma boa sombra acolhedora (p. 188-189).

Assim, o insulamento do adolescente é outro elemento que provoca o ressurgimento das fantasias de morte. A falta de amigos insinua a inexistência dos testes de realidade (conceito, este, freudiano). *Grosso modo*, o teste de realidade serve não somente para certificar-se das deformações psíquicas do mundo interno, mas é, também, aquilo que deve levar o sujeito a

corrigir tais deformações e colocá-lo em consonância com o mundo externo. Excetuando-se a participação de seu Coelho, não há mais ninguém a auxiliá-lo no retorno para o princípio de realidade. Anteriormente Coruja fazia esse papel. Há, assim, a ausência do amigo e também de uma figura como Maria Clara, sobre a qual poder-se-ia construir outra relação fictícia a fim de concorrer com a ficção acerca da proximidade da morte, que é reforçada com os mencionados falecimentos de Aurélio e de tia Galdina. E os exercícios militares, que já mencionamos, motivam tanto o sentimento de exclusão, pois ele é, como dissemos, o único dos garotos a não conseguir participar da atividade, quanto o de ódio pelos castigos de seu Maciel. “Expulso do contentamento” do instituto (p. 219), “uma saudade de casa começou a me agoniar” (p. 220).

E o último capítulo representa, surpreendentemente, a consumação do desejo de retorno de Carlinhos ao engenho. O regresso, que parecia uma fantasia, em que não haveria a passagem ao ato, desenrola-se primeiramente envolto pela dúvida, momento cujo protagonista anda de um lado para o outro “com a tentação” no seu “encalço” (p. 221), mas que é substituída pela urgência. Todavia, é estranho Carlos afirmar que “de súbito me irrompeu uma vontade de fugir” (p. 220) dado que ele tinha dinheiro para comprar uma passagem de segunda classe – dinheiro, este, que talvez ele tenha guardado da quantia que recebia do avô, ou que, de fato, ele possuía sem precisar guardá-lo, o que anularia este argumento de predição da fuga – e que, principalmente, as suas roupas já estavam dentro da sua mala. Este suposto planejamento dá ensejo à sua rápida retirada.

Temendo ser pego, o garoto age furtivamente. A narrativa figura, por meio da sensação dele de ser objeto da atenção de muitas pessoas, das sentenças enxutas e das breves cenas, a sua angústia esperançosa, sumarizada na “impressão” de que “a fuga não se aliviava com o trem andando”; logo depois, no entanto, ele pensava “na chegada ao engenho” (p. 224). Ao alcançar as terras do avô, o fugitivo receia a recepção que lhe será dada. No final, contudo, ele, até então escondido de todos na sua terra prometida, decide ir ao encontro dos queridos, pois “Ali no escuro é que não podia ficar. E a solidão me fez mais medo do que o povo de Santa Rosa” (p. 225). Isto é, sozinho ele já estivera no colégio e se fugiu, fugiu para integrar-se aos seus.

Considerações finais

Embora em conflito com o desenvolvimento intelectual de Carlos, que culmina numa visão mais complexa do mundo em comparação com aquela da sua infância – o que conseguimos depreender no acesso que temos ao seu âmago – há modulações maniqueístas na construção da narrativa memorialista de *Doidinho*. Elas são compostas sobretudo por meio do cotejo entre o novo mundo (infernol) da escola e a velha vivência (edênica) na várzea. Claro que há gradações nos níveis de disforia e euforia e exceções, ilhas de dor e felicidade, no instituto e no engenho, respectivamente, que participam do complexo afetivo da personagem principal. Todavia, notamos, por exemplo, que as descrições do colégio (que representa a prisão) estão em posição diametralmente oposta à edificação idílica do Santa Rosa (que representa a liberdade), que há grande dessemelhança entre os onipresentes e oniscientes seu Maciel (figurando quase sempre a austeridade e o despreço pelos outros) e o avô José Paulino (figurando a abundância e a afeição pelos outros) etc.

Existem, claro, outras comparações implícitas durante a narrativa, como a idolatria do protagonista pelo infalível Coruja, o que o faz desprezar quase todos os outros colegas. Devemos salientar que o colégio dá ensejo a um processo desformativo do garoto (ressalvando sobretudo os seus progressos intelectuais, já mencionados, e os humanitários), muito condicionado não só pelas imagens mentais do engenho, mas também pelo seu regresso a ele durante as férias, que atualiza aquelas terras como uma fonte de prazer. Assim, a alteração da perspectiva dele sobre Santa Rosa se dá positivamente, dado que o aumento de sua adoração ocorre mediante a falta do local amado, as amarguras da escola, que supervalorizam o passado e o local do passado, além da aludida renovação do éden perpetuada no recesso da escola.

E aí a nostalgia se mostra fundamental no entendimento de qual é o processo formativo embutido no romance. Segundo Humberto de Moacir Oliveira (2016, p. 29-30), um dos pensamentos de Freud acerca de uma psicologia passadista é de que “o homem, só com muito esforço, abandonaria qualquer objeto que lhe desse prazer, e mais do que isso, só o abandonaria na condição de buscá-lo nos novos objetos encontrados [...]”. Podemos questionar, portanto, quais são as novas conexões libidinais que o protagonista consegue realizar no colégio. A despeito de Coruja, e talvez de seu Coelho, não há nenhuma outra integração, em termos sociabilidade, digna de maior atenção do narrador.

Há dois afetos centrais, muitas vezes coligados, que mobilizam grande parte das experiências no instituto: o desamparo e a angústia (o medo da perda). O primeiro deles nunca consegue ser efetivamente satisfeito, até porque a mistura de amparo, permissividade e prestígio encontrado na infância é de difícil repetição. Daí, dessa saudade, advém um descontentamento perene em quase todas as esferas da vida do garoto, que só é de sobremodo reduzida na sua amizade com Coruja e, em menor escala, com as suas leituras, fantasias amorosas e atos sexuais com a negra Paula. Essas duas últimas suspensões das adversidades são substituições de figuras da sua criancice, aliás.

A angústia, portanto, além de proceder do medo da repetição do desamparo, que Doidinho fatalmente sente ao ver-se relegado por Coruja, por exemplo, é um agente do desassossego; o indivíduo, ao se mover imerso neste afeto, pode se mover sob a vontade de dar uma resposta precipitada que o faça se refugiar do desprazer. A angústia, então, não leva Carlos a construir uma vivência atual cuja psicologia se oriente para o futuro; muito pelo contrário, como vimos.

É possível afirmar, finalmente, que a formação encetada na narrativa é regressiva; a regressão sinaliza o retorno da libido a um processo anterior da evolução do sujeito, muitas vezes causada pela frustração e inadaptação dele frente a uma nova realidade (Freud, 2010). A raiva descontrolada, que deságua na violência primitiva, as fantasias substitutivas de pessoas, a inibição, que o impede de conversar com Maria Luísa, a melancolia, que o abraça e representa a perenidade do luto relativo às suas várias perdas, configuram a falta de inserção de Carlos no novo meio social e o seu consequente isolamento. O remédio para combater o insucesso é o retorno para o local paradisíaco da infância e a certeza de que ele permanecerá assim. A perspectiva sobre o amanhã, portanto, está baseada não só grandemente em valores do passado, mas também na resistência à construção de sua autonomia.

Referências

ARARIPE JÚNIOR, T. de A. O Ateneu e o romance psicológico. In: Bosi, A. *Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Edusp, 1978. p. 175.

BOYM, S. Mal-estar na nostalgia. Tradução de Marcelo Santos de Abreu e André de Lemos Freixo. *História da historiografia: international journal of theory and history of historiography*, Ouro Preto, n. 23, p. 153-165, 2017.

BRAGA-PINTO, C. José Lins do Rego e as fronteiras da amizade: Doidinho. *Revista Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 4, n. 2, p. 75-85, 2012.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Não paginado. *E-book*.

FREUD, S. *As pulsões e seus destinos*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia*. O futuro de uma ilusão e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 5-31.

FREUD, S. O poeta e o fantasiar. In: FREUD, S. *Arte, literatura e os artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 53-68.

FREUD, S. Totem e tabu. In: FREUD, S. *Totem e tabu, história do movimento psicanalítico e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Não paginado. *E-book*.

LEJARRAGA, A. L. A noção de amizade em Freud e Winnicott. *Revista Natureza Humana*, São Paulo, n. 12, p. 85-104, 2010.

MAZZARI, Marcus Vinicius. Representações literárias da escola. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 11, n. 31, p. 223-247, 1997.

OLIVEIRA, H. M. de. O “Nostálgico” e o “Contemporâneo”: algumas considerações sobre o lugar do psicanalista no século XXI. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 34, p. 25-45, 2016.

PINTO, R. M. Introdução a Doidinho. In: COUTINHO, E.; CASTRO, Â. B. de (org.). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. p. 242-251. (Coleção Fortuna Crítica).

REGO, J. L. *Doidinho*. São Paulo: Global Editora, 2020a.

REGO, J. L. *Menino de engenho*. São Paulo: Global Editora, 2020b.

REGO, J. L. *Meus verdes anos: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. Não paginado. *E-book*.

RUSSOTTO, M. Narradores da escuta (José Lins do Rego e José María Arguedas). In: COUTINHO, E.; CASTRO, Â. B. de (org.). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. p. 252-261. (Coleção Fortuna Crítica).

Carlos de Melo's becoming from the perspective of the past: an essay on José Lins do Rego's *Doidinho*

Abstract: It is aimed on this essay, the second one regarding José Lins do Rego's first three novels considered as a *Bildungsroman*, spotlight the regressivity on Carlos de Melo's emotional development on *Doidinho*, the second narrative of the trilogy. To achieve this goal, our interpretative analysis is based on texts concerning the critical fortune of the author and his works and on papers and books – mainly founded on psychoanalytic studies – about the affects aroused on the novel. On the essay on *Plantation boy* it was observed the great integration capacity of Carlinhos to the meadow and to its inhabitants, which provided a joyful tone on his discovering of the new (although his perennial sadness indicates the growth of his future neuroses); contrasting to that, on *Doidinho's* paper it is ascertained that the boarding school to which he is sent to arises as the antithesis of the freedom and permissiveness that he formerly came across. Despite of his strong friendship with Coruja, which weaken as well as his fantasies, and to solidarity of a few people, his escape from the boarding school to his grandfather's promised lands represents his search for his previous childhood feelings, interrupting and retroceding to the construction of his autonomy.

Keywords: *Doidinho*; Nostalgia; Dereliction; Future; José Lins do Rego.

Recebido em: 30 de abril de 2024.

Aceito em: 25 de julho de 2024.